



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA SUHÉLEN GALBO

**DA GESTÃO DEMOCRÁTICA AO RESPEITO À INFÂNCIA: POR UMA
EDUCAÇÃO PELO MOVIMENTO**

PARANAGUÁ

2018

CAMILA SUHÉLEN GALBO

**DA GESTÃO DEMOCRÁTICA AO RESPEITO À INFÂNCIA: POR UMA
EDUCAÇÃO PELO MOVIMENTO**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Gestão e Processos em Educação, Diversidade e Inclusão, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof.Drª Danielle Marafon

PARANAGUÁ

2018

Da Gestão Democrática ao respeito à Infância: Por uma Educação pelo Movimento

Camila Suhélen Galbo

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo tecer algumas considerações à atual forma de organização escolar, que vive e se relaciona intimamente com os pressupostos da educação bancária e é também, uma proposta de organização escolar baseada no desenvolvimento humano por meio do movimento, do corpo e das práticas corporais, tendo em vista os inúmeros benefícios, da correlação entre corpo e mente, para o aprendizado do bem viver, contrapondo o modelo mecanicista e competitivo, de segregação social e opressão. Buscando o despertar da autonomia por meio da livre expressão corporal e da educação sensível. Construindo a autonomia das crianças, partindo da realidade, dos interesses e necessidades delas, nesse sentido contribuindo para alcançar uma Gestão Democrática em respeito infância. Nosso aporte teórico teve como autores FREIRE (2017); MONTESSORI (1936); BERGE (1975), entre outros. Tivemos como instrumento de coleta de dados entrevista com os educandos e observação direta das práticas e métodos adotados pelos educadores, buscando uma resignificação dos objetivos escolares e a superação de paradigmas tradicionais.

Palavras-chave: Gestão Democrática, Infância, Movimento.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi realizado em uma escola de ensino fundamental I, situada na Ilha dos Valadares, município de Paranaguá, a preposição dessa pesquisa visa uma organização escolar que parte da necessidade do equilíbrio entre os saberes intelectuais e corporais.

Imersa nesse contexto escolar, foi por meio das observações que percebi o desequilíbrio entre ensino e movimento, já que muitas vezes os educadores desejam “controlar” os alunos ao invés de orientá-los para que consigam alcançar o autocontrole e a consciência corporal, essencialmente necessária para a prática da cidadania.

O modelo vigente nas escolas tem demonstrando, a negação do aprender brincando, a posição da grande maioria dos educadores é privar a criança dos movimentos, o que vem a comprometer a qualidade do ensino.

A observação durante dois anos no ambiente pesquisado nos trouxe uma inquietação de analisar *in loco* como tem ocorrido uma prática bancária *versus* uma prática libertadora.

É na relação harmoniosa com o corpo e o intelecto que se constrói, a autonomia nos educandos, sendo as relações com o mundo e consigo mesmo. Entendendo que a criança deve se manifestar e traduzir seu pensamento por meio de ações corporais.

OS FUNDAMENTOS DA PROPOSTA

A desconstrução da autoridade: um passo para a liberdade corporal.

É de suprema importância que o Projeto Político Pedagógico da escola seja pensado em diálogo com a realidade sociocultural da comunidade e às necessidades da vida infantil, levando em consideração as especificidades e características individuais dos sujeitos envolvidos, sendo que todo esse processo só é efetivo se a Gestão estiver disposta a superar paradigmas a fim de construir um ambiente libertador.

Montessori (1936) propôs um método de educação da criança caracterizada justamente pela importância central que nele se atribui ao ambiente. Quão importante para esse desenvolvimento da Gestão Democrática é a opinião dos que mais interessa a qualidade do ensino: as crianças, que cotidianamente são os que menos são ouvidos, sendo muitas vezes impedidos de desenvolver uma habilidade proveniente da autonomia, a capacidade de tomada de decisão, necessária para uma formação cidadã e de uma sociedade democratizada.

Partir dos interesses dos alunos é de suma importância para que o aprendizado torne-se mais interessante e significativo para eles. Para Freire (2017, pág. 87) “isto tudo exige que o educador seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes”.

Nesse sentido o educador precisa entender a importância do diálogo com os educandos bem como a concepção de infância voltada para o desenvolvimento integral das crianças.

A sociedade atual necessita de educadores comprometidos de como o aluno aprende e não como o professor ensina se ensina, tendo o aluno como o sujeito processo. Berge (1975, pág.29) diz ainda:

Trata-se aqui de uma verdadeira reviravolta pedagógica; o professor não mais dá ordens a seus alunos para obter sequências que lhe são impostas do exterior, mas torna-se um guia que os orienta para uma descoberta pessoal de suas faculdades.

Desde a vida intrauterina a criança tem suas linguagens inicialmente desenvolvidas por meio do seu corpo, o que se expande muito com o nascimento, quando ela ganha naturalmente, cada vez mais liberdade para movimenta-se e sentir-se.

Leva-se em consideração aqui o movimento espontâneo ou não, mas realizado sempre de forma consciente, sobre isso reafirma-se a proposta de MONTESSORI (1936, pág.50)

Deve-se considerar sagrado o esforço secreto da infância: essa laboriosa manifestação merece uma expectativa acolhedora, pois nesse período de formação determina-se a personalidade futura do indivíduo.

Buscamos evidenciar a importância das experiências sejam elas na escola ou no meio social da criança para o desenvolvimento sociocognitivo, nesse sentido MONTESSORI (1983) salienta “Eis a verdadeira educação: partir primeiro à descoberta da criança e efetuar sua libertação”.

Corpo e Mente: uma relação a ser construído na escola.

Se a postura inicial do educador para a efetivação da educação libertadora é a superação da sua própria autoridade, num segundo momento deve-se procurar manter-se livre para deixar que as potencialidades dos sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem permaneçam em plena via de desenvolvimento e expansão do sentir corporalmente.

Ora, assim deveria ser, porém a sociedade civilizada por sua vez, provoca uma desconstrução dessas habilidades inatas nos seres humanos, retirando a chave da ignição que move o conhecimento: o movimento corporal. Segrega-se saberes, limita-se as descobertas, fecha-se em salas, condiciona-se o corpo a curva-se sobre o cognitivo.

Segundo Berge (1975, pág.23)

A crise profunda que a nossa sociedade atravessa decorre em parte das condições desumanas que lhe são impostas. Desde a infância, somos obrigados a uma adaptação forçada, em detrimento com todo nosso ser, tanto físico quanto psíquico.

Compreendendo a importância das experiências do corpo vivido para o aprendizado e para o desenvolvimento das estruturas cerebrais mais refinadas, se faz necessário reforçar que as práticas corporais devem priorizar a educação da liberdade responsável, que aprimora as habilidades cidadãs e de práticas cooperativas e de comunhão social, da busca por essa educação BERGE chama atenção para:

[...] um encaminhamento progressivo que é bom respeitar em toda educação e em particular na educação pelo movimento, se ela depende, de acordo com nosso desejo, favorecer a harmonia psicossomática do aluno. Simplesmente mandar fazer movimentos confinados ao corpo é um impasse. Mas partir do corpo para chegar a uma tomada de consciência mais ampla é um procedimento muito mais enriquecedor, e que, hoje em dia, se torna urgente. (BERGE, 1975, pág. 30).

Por meio dos movimentos com o corpo que então conhecemos, experienciamos e reconhecemos tudo que está ao nosso redor, intrinsecamente e instintivamente sentimos que nos movimentando enfim aprendemos. A escola com o papel importantíssimo que detém, deve esforçar-se para garantir um ambiente de proteção à essas habilidades, de forma que também tome muito cuidado para não reforçar estereótipos sociais de práticas competitivas que desarmonizam o corpo e a vida em sociedade.

Pais e educadores começam a perceber que, privado de movimento, o corpo, esta obra-prima, está em perigo. Verificam as repercussões nefastas do espírito de competição (que nada tem a ver com a emulação sadia), e que as crianças se recusam a ser constantemente compelidas, dirigidas, postas em evidência. Seu corpo se cansa e se esquia de mil maneiras; seu caráter também fica prejudicado, exprimindo por meio de macaquices, trejeitos e caprichos alarmantes, o domínio deformante dos adultos. (BERGE, 1975, pág. 9).

Também é possível analisar a relação da Educação pelo movimento sendo inseparável da Educação Popular, ao observar que as crianças passam boa parte do tempo em que não estão na escola, ocupando quintais, ruas e campos da Ilha, sobem em árvores, correm, nadam e sem saber, aprendem por

meio da educação dos sentidos através dos movimentos culturais naturais dos seres humanos.

A escola muitas vezes reforça práticas pedagógicas descontextualizadas com a realidade dos educandos, hipervalorizando o aspecto cognitivo, trocando o aprendizado que deve ser prazeroso, por um aprendizado forçado, estático e sem sentido para a vida infantil.

Pois qual seria o sentido maior da vida do que sentir-se bem? Nas palavras de KNASTER:

Lembre-se de que o nosso corpo, é a nossa primeira sala de aula. Desde os primeiros dias de vida, o aprendizado físico forma o molde da vida emocional, governa os padrões de relacionamento e fornece recursos e desafios. Ao trabalhar agora com o corpo temos a oportunidade de descobrir o que não aprendemos e o que não nos foi ensinado direito. (1996, pág. 64).

Diante do sentimento que temos com nosso próprio corpo é possível analisar que beiramos os extremos, mas há um caminho viável para o equilíbrio, e ele está no respeito à infância, na forma de vivê-la de deixar sentir, revivendo a todo instante a prática presente na vida infantil, à disposição e boa intenção do corpo infantil.

METODOLOGIA

O caminho metodológico desta pesquisa partiu da minha inquietação dentro do ambiente escolar como professora de Educação Física, ao verificar que os alunos permanecem a maior parte do tempo, em que estão na escola, dentro da sala de aula, cerca de dezesseis horas semanais para os que frequentam meio período, para aqueles que permanecem em período integral o tempo dentro de sala aumenta respectivamente, percebendo na prática o que Paulo Freire (1968, pág.79) assevera:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos, vem sendo, realmente, a suprema inquietação dessa educação.

A pesquisa é de cunho quantitativo onde se utilizou como instrumento de coleta de dados um questionário com questões fechadas, os educandos preencheram a alternativa que mais representava sua concepção de

aprendizado, sua percepção de tempo, qualidade e sentimento em relação ao ambiente escolar.

Participaram do estudo 137 alunos com idade entre 7 e 15 anos, do segundo ao quinto ano do ensino fundamental I no período da manhã. Nosso quantitativo estava assim: 38 alunos do segundo ano; 45 alunos do terceiro ano; 32 alunos do quarto ano e 22 alunos do quinto ano.

O questionário era composto de cinco questões com alternativas de múltipla escolha, sendo que para os alunos do quarto e quinto foi entregue e preencheram o questionário diretamente, para os alunos do segundo e terceiro ano o questionário foi feito em forma de entrevista, perante a visualização da dificuldade de leitura e interpretação das perguntas.

A coleta de dados foi realizada entre os dias 09 e 12/11 de 2018.

DISCUTINDO RESULTADOS

Detalhamos os resultados por meio de gráficos, nos quais acreditamos ser de mais fácil entendimento.

GRAFICO 1

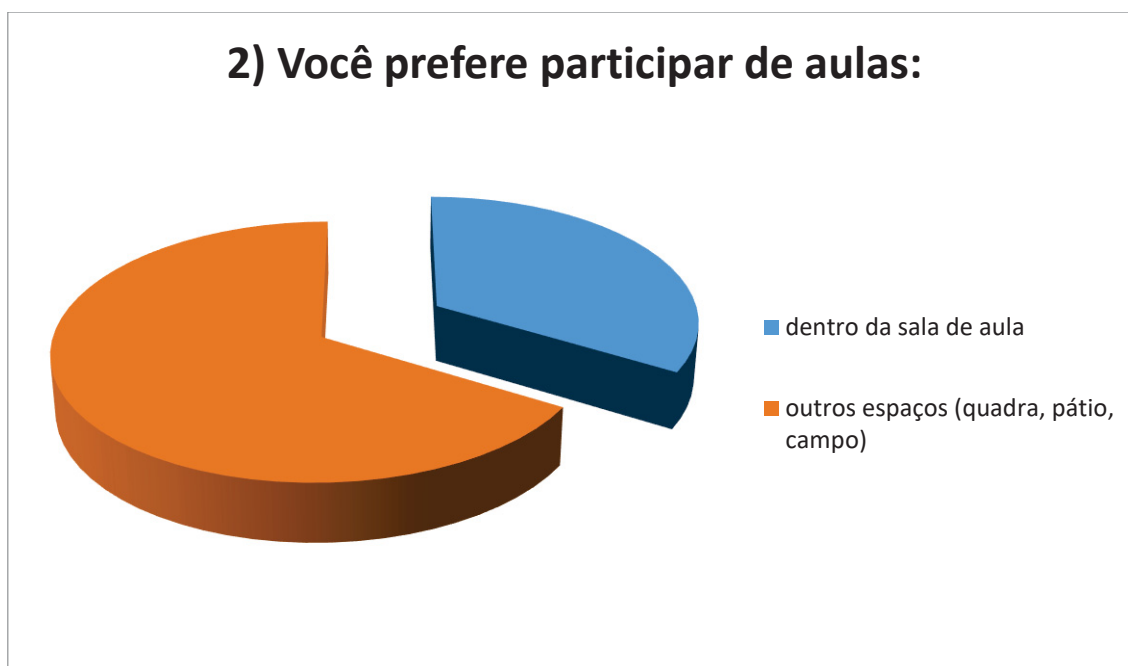


FONTE: A autora

No gráfico 1, temos um número maior de crianças que optaram por escolher a alternativa que considera às atividades práticas como as que se aprendem mais, em atividades que promovem o movimento corporal. Também

é compreendido que a parcela que escolheu a alternativa das aulas teóricas, ainda que menor, sinta-se respeitada em sua escolha já que a pluralidade de pensamentos e ações fazem parte da transformação e a diversidade cultural.

GRAFICO 2



FONTE: A autora

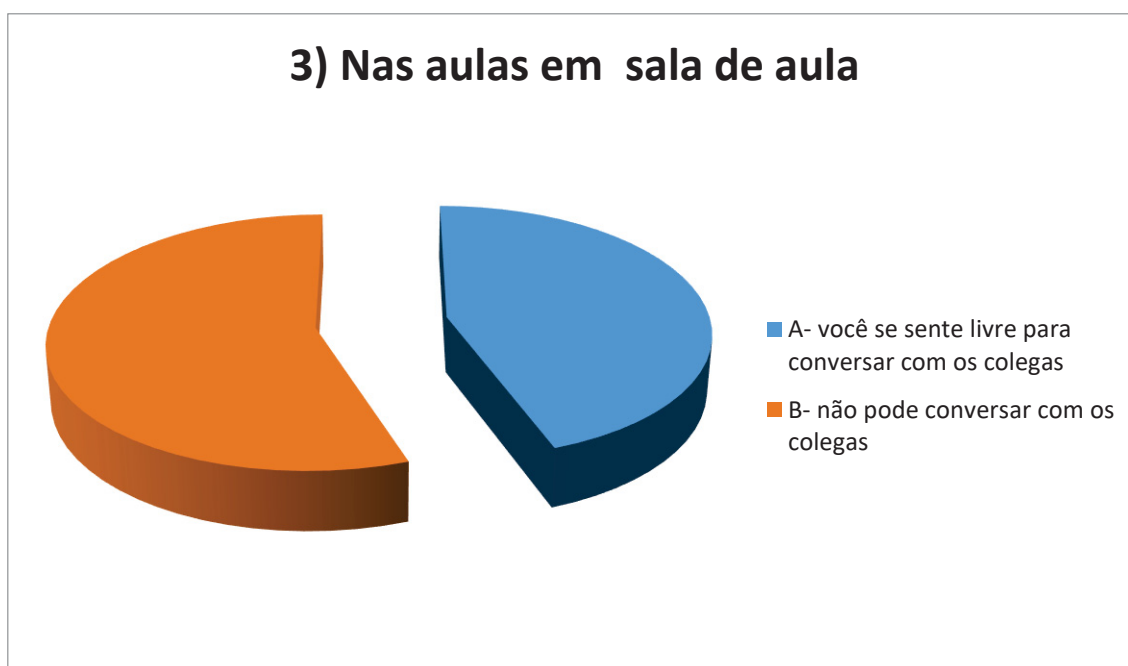
Houve a reafirmação em todas as turmas pela preferência em participar de aulas em ambientes fora da sala de aula convencional. Aqui fica perceptível que a maioria das crianças, entre todas as idades, prefere participar e permanecer em ambientes como a quadra, pátio ou o gramado. As salas também foram escolhidas por uma parcela de alunos que trazem consigo a sua própria característica e percebe-se a necessidade de poderem estar em ambientes de aprendizagem cada vez mais estimulantes e adequados para servir a mente infantil em suas diversas dimensões, tomando cuidado para que esses ambientes sejam livres de imposições. A divisão entre as horas em cada ambiente é de suma importância, propondo uma alternância entre eles suficientemente a fim de proporcionar à criança tempo para a organização de suas estruturas neurológicas.

Isso ocorria na escola, onde as crianças estão expostas a um tormento obrigatório por imposição da sociedade. O peito estreito que predispõe

à tuberculose era causado pela necessidade de debruçar-se durante longas horas sobre as bancas a ler e escrever; a coluna vertebral encurvava-se devido aquela posição forçada, a miopia surgia em decorrência do prolongado esforço de usar a vista sem iluminação suficiente, e, enfim, todo o corpo se deformava e sofria por causa da longa permanência em locais acanhados e superlotados. (MONTESSORI, 1936, pág.249).

Analisando a quantidade de horas em permanência dentro de sala se torna inaceitável práticas de retenção de aluno do período de recreio ou nas aulas de Educação Física, mesmo amparado por lei, ainda existem educadores que "seguram" o aluno em sala caso ele não tenha copiado ou não tenha feito a tarefa em sala, sendo necessário rever o método e mudar a postura imediatamente.

GRAFICO 3



FONTE: a autora

Os resultados da pergunta três foram bem equilibrados nos segundos anos, tendo diferença de margem de escolha entre as alternativas A e B bem pequenas. Já nas turmas de terceiro ano a escolha pela alternativa B foi mais expressiva demonstrando o dobro da quantidade de alunos que optam pela alternativa A. Nos quartos anos segue-se a mesma lógica mostrando que a grande maioria dos educandos não se sentem livres para conversar uns com os outros dentro de sala. Para o quinto ano permanece a percepção de liberdade para conversar em sala.

É importante ressaltar aqui que a Gestão deve estar atenta para atitudes que limitam a interação educando/educador e educando/educando, extinguindo falas como: vai sentar, não conversa ou abaixa a cabeça e fica quieto, situações muito frequentes no ambiente pesquisado.

GRAFICO 4



FONTE: A autora

Aqui nos chama a atenção ao elevado número de crianças que escolheram a alternativa C demonstrando sentir-se feliz somente às vezes enquanto está na escola. Dois alunos indicaram a alternativa B, observa-se a necessidade de aprofundamento dos dados buscando soluções para as causas da escolha que demonstra a infelicidade no ambiente escolar. A maioria sente-se felizes, trazendo a esperança de que a escola pode ser um ambiente de gente cada vez mais feliz e disposta transformar o mundo ao seu redor.

GRAFICO 5



FONTE: A autora

A última pergunta referente à relação educador educando nos mostra que a grande maioria dos alunos avalia sua relação com o professor sendo boa, afirmando que há diálogo e respeito, faz necessário revelar que nas ações padrões há satisfação na relação, foge à regra a inserção de um novo currículo com novas propostas, mostrando que os saberes ficam separados entre formais e não formais, hierarquizando a importância dos conteúdos do currículo e determinando os caminhos da relação.

Sobre os dez alunos que escolheram a alternativa B, faz-se necessário uma investigação mais detalhada de cada caso procurando identificar as causas cautelosamente com cada indivíduo e assim viabilizar possíveis soluções para a harmonia da relação.

Houve uma pequena parcela se identificou com a alternativa C, não qualificando a relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que as crianças preferem participar de aulas em ambientes alternativos à sala de aula, em sua maioria também sentem que aprendem mais em atividades vividas corporalmente. As relações que se desenvolvem dentro do ambiente escolar devem ser justas a tal ponto que o

educador seja capaz de compreender a troca generosa que acontece quando ele liberta o aluno do seu querer.

Vale ressaltar que para a efetivação de um trabalho em concordância com as necessidades infantis, a escola deve-se pautar o seu Projeto Político Pedagógico em ações que viabilizem as práticas corporais e que seu regimento dialogue com as práticas libertadoras.

Entender a importância de criar práticas pedagógicas com o suporte do movimento corporal enriquece e agrega significado a aprendizagem da criança. Seria necessário o aprofundamento de vários dados para a aplicação de métodos que identifiquem as potencialidades de cada aluno, visando um aprendizado voltado à autonomia e que vá ao encontro com as particularidades de cada sujeito.

Uma tentativa para se aplicar no contexto escolar seria a de diminuir a quantidade de tempo num mesmo ambiente, procurando alternativas de espaço para que a criança interaja de forma a ter novas experiências, ressignificando a aquisição do conhecimento, faz-se necessário à percepção sensível e um novo olhar sobre a infância, buscando o diálogo e a escuta minuciosa dos educandos, nesse sentido teremos uma escola emancipadora, que busca a conscientização e a libertação das classes populares.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.; **O que é Educação Popular**. Coleção Primeiros Passos, 2006. Editora Brasiliensis.

BERGE, I.; **Viver seu corpo: Por uma pedagogia do movimento**. ed. – São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1975.

FELISBINO, J.N.; ABRAHÃO, C.M.S. **Ilha dos Valadares**: História, Cultura e Meio Ambiente. Fundação Municipal de Cultura – Paranaguá – PR, 2016.

FREIRE, P.R.; **Pedagogia do Oprimido**. 63. ed. – Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____; **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GARANHANI, M. C; **A Educação Física na Escolarização da Pequena Infância**, Revista Pensar a Prática. UFG: Goiás. 2002

_____ ; **o Movimento do corpo Infantil: uma linguagem da criança.**
UNIVESP, UNESP, 2004.

KNASTER, M.; **Descubra a sabedoria do seu corpo.** São Paulo: Cultriz, 1996.

MONTESSORI, M.; **A Criança** Association Montessori Internationale,
Amsterdam, 1936. Editorial Nórdica LTDA – Rio de Janeiro